

Renata Soltanovitch

Os crimes de Paul

Renata Soltanovitch

São Paulo –/2026

2ª edição

Os crimes de Paul

Nota da autora

Este conto foi originalmente escrito em 2020 e, agora em 2026, decidi disponibilizá-lo novamente em meu site apenas como forma de entretenimento. Ao mesmo tempo, ofereço os direitos autorais desta obra à Centro Espírita Lirios da Misericórdia do Senhor, com endereço na R. Machado de Assis, 727 - Vila Mariana, São Paulo - SP, 04106-011. Para conhecer melhor o trabalho da instituição, visite o site www.celmis.org.br.

Se a leitura lhe trazer bons momentos, convido você a acessar o site do referido Centro e verificar de que forma pode contribuir, seja por meio de uma doação de alimentos não perecíveis, roupa e cobertores ou outra forma.

Os crimes de Paul

Conto 01 - A casa do coveiro

– Toc, Toc, Toc.

– Abra a porta, é a polícia.

Pedro achou que a determinação viesse da TV, pois coincidentemente assistia a um daqueles programas televisivos que reproduziam cenas reais da polícia.

Assim, nem se preocupou.

– Abra a porta, é a polícia.

Pedro ficou atento. Esbranqueou-se e aguardou a polícia arrebentar a porta.

Sentado em sua pequena sala, apenas de short, Pedro ficou atônito com tudo aquilo, sem entender o que se passava.

Sua casa, agora vasculhada por homens de preto, remexendo em suas memórias, em suas gavetas, em seus armários, em suas panelas, procurando algo que sequer ele sabia.

O delegado Paul pegou Pedro pelo braço e perguntou sobre o menino David.

– Que David, senhor? – perguntou Pedro. – Não sei do que se trata.

– Como assim? O corpo do David ainda estava aguardando a entrega para a mãe poder enterrá-lo. O que você fez com ele? – perguntou o delegado Paul.

– Dr. delegado, o menino estava morto e sou coveiro. O senhor acha que fiz o quê com o corpo? – disse Pedro.

E continuou:

– Que diferença faz para a mãe? São todos enterrados. O corpo é envolvido por um caixão de madeira e, em poucos dias, os vermes comem sua carne e apodrecem seus órgãos.

– Não interessa o que você pensa, Pedro. Cadê o corpo do menino David? – insistiu o delegado.

– Doutor, a mãe deixou a criança sem cuidado, à deriva. Ele estava todo mordido por ratos e agora vem pleitear o corpo morto do garoto? – questionou Pedro.

– Quem é você para julgar a mãe? Se ela passou necessidade, dormiu no chão e comeu comida do lixo, o que você tem a ver com isto? – perguntou o delegado a Pedro.

– Esta mãe nem mesmo poderia ter tido este filho! Maltratar um espírito infantil. Deveria ter doado a criança quando bebê para ser criada por uma família estruturada. Veja eu, doutor. Não tive estudo, virei coveiro. Já vi muita mãe chorando por ter pedido seu filho para o crime ou por causa dele. Decidi não ter filhos por falta de condição financeira. Fui consciente e agora vem esta mãe me cobrar pelo corpo do filho que ela mesma deixou morrer? – filosofou Pedro.

– Não vou perguntar novamente! – gritou Paul.

– Doutor, já disse, sou coveiro. Eu enterrei o garoto. Este é meu trabalho – afirmou Pedro.

E disse mais:

– David foi enterrado com outras crianças que jamais deveriam ter sido mortas por imprudência de seus pais que não tiveram a acuidade de cuidar de seus filhos. Simples assim!

– Me mostre onde está o corpo de David – disse o delegado Paul.

– Vai fazer eu desenterrar para enterrar novamente, delegado?

– Isto não é problema seu! A mãe tem o direito de velar o corpo de seu filho. Me leva até o local em que enterrou o David e traga o material para desenterrá-lo.

Já havia escurecido e a equipe da polícia, com suas lanternas, passou a acompanhar os passos rápidos de Pedro na saída de sua casa para um terreno bem florido e com velas acesas em lamparinas penduradas em árvores muito bem podadas e cuidadas.

Pedro virou-se para a equipe da polícia e recomendou:

– Por favor, cuidado com as flores. Não pisem nelas. Todas são homenagens a cada criança morta por imprudência de seus pais.

Paul pediu para todos levantarem suas lanternas, para ter uma noção do tamanho do terreno e da quantidade de flores, e se assustou, tão belo era o jardim.

– Pedro, cada flor tem um corpo de uma criança enterrado?

– Sim, doutor.

– Caralho! Que merda! Quantas crianças tem aqui enterradas?

– Acredito que só este ano enterrei umas duzentas crianças, doutor – afirmou Pedro, com um ar de interrogação, pois não tinha certeza do número.

– E onde você pega estes corpos?

– Doutor, o senhor acha que as mães que exploram seus filhos nos semáforos, nas calçadas, na rua, os alimentam de forma digna? Muitas vezes os matam e me entregam o corpo para evitar a polícia e o conselho tutelar.

– E você simplesmente as enterra? – perguntou Paul, iluminando o rosto de Pedro com sua lanterna.

– Não! Eu destrincho antes seu corpo. Dou partes do seu corpo para os alunos da escola de medicina e o que fica enterro após um ritual.

– E que ritual é esse, caralho?

– Quando as mães me entregam o corpo, elas normalmente largam a criança aqui e não querem saber de mais nada. Não olham e não participam do funeral.

– Funeral? – perguntou o delegado, não acreditando no que estava ouvindo.

- Sim, doutor. Tenho o maior respeito por estas crianças. Não faço vilipêndio do cadáver. A única coisa é que dou um significado, um propósito para cada criança morta.

- Ela poderia ter tido um futuro promissor, que a própria mãe ignorou e explorou tanto a criança que ela morreu. Algumas até mesmo vendem horas do corpo da própria filha para quem quiser se aproveitar sexualmente, e o senhor sabe muito bem disso, já deve ter investigado ou assistido nos programas de TV.

- Muitas vezes, as crianças, você percebe pelo corpo, que ela já tinha até mesmo ficado moribunda antes de morrer. Muito doente e a mãe, observando que não conseguiria explorar mais a criança, que ela daria trabalho para cuidados e que, se levada ao hospital para viver, certamente seria questionada pelos médicos e até mesmo seria denunciada.

- Outra vez, peguei uma garotinha, toda maquiada, mas muito magra, e depois descobri que a mãe vendia pela internet as fotos sensuais da menina ou algumas horas com ela.

- Mas não é só... já deixaram aqui uma criança, doutor, que só tinha cabeça e tronco e descobri que ela tinha sido vendida, ainda viva, para um outro maluco que a alimentava e brincava com ela, até que ela morreu.

- E é verdade, só chegam aqui os corpos entregues já mortos e judiados pelos seus próprios cuidadores ou por culpa deles.

- Peraí, não entendi, Pedro! Se você acha um absurdo a mãe ou os pais ou seus respectivos cuidadores fazerem isto, por que você não os denunciou?

- Doutor, se eu fizer isto, estas crianças não serão homenageadas por mim e nem terão um ritual de passagem decente!

– Então você lucra com isto! Só pode!

– De jeito nenhum, doutor. Olha minha casa, doutor, meu terreno. Sou um simples coveiro. Sou registrado e meu salário é o suficiente para meu sustento. Não preciso de mais nada. Não tenho família. Meus pais morreram muito cedo e sou filho único.

- O que é dar um enterro digno para estas crianças que não têm culpa por terem nascido? É minha solidariedade a elas! – concluiu Pedro, todo orgulhoso.

– Mas você não ganha nada dos alunos da faculdade de medicina?

– Sabe como é, doutor. Eles dão sempre uma gorjeta e eu aceito. Preciso manter este jardim florido e iluminado!

Durante esta conversa, eles haviam caminhado pelo menos oitocentos metros terreno adentro.

– Aqui, doutor, está David – afirmou Pedro.

O delegado olhou para sua equipe e deu sinal para dar início à escavação.

– Por favor, policiais, cuidado! Tem o corpo de uma criança aqui. Vocês nem rezaram e pediram autorização para o David antes. Não é assim que funciona! – gritou Pedro.

– Fica quieto, Pedro! A autoridade aqui sou eu – afirmou o delegado, com voz firme.

– Não estraguem o jardim! Aqui tem almas! Quer conhecer uma pessoa? Observe como ela enterra seus familiares mortos! Para mim, são anjos que retornam para a casa do Pai! – esbravejou Pedro.

Depois de desenterrar David, a perícia já deu início aos trabalhos, ali mesmo, depois seu corpo, ou parte dele, foi levado para o necrotério, para as providências cabíveis.

Cemitério jardim lacrado para dar início aos demais levantamentos e Pedro encaminhado à delegacia, mas, quando o seu advogado chegou, contratado por alunos da faculdade de medicina, Pedro já havia se enforcado com sua própria camiseta, ali mesmo, na sala do delegado, enquanto este havia saído para pegar uma xícara de café e chamar o escrivão e autorizar a entrada do advogado para dar início ao depoimento.

Caso encerrado ou início de um debate sobre a morte, exploração de crianças nos semáforos das grandes cidades e a falta de controle de natalidade.

Com a palavra, o leitor!

Conto 02 - PONTE DAS ÁGUAS ESPRAIADAS

Paul subiu no helicóptero para ver, de cima, a cena do crime.

Era madrugada.

O piloto, Comandante Friedrich, que era apaixonado por Paul, ficou tão nervoso com sua presença em sua aeronave, que logo se desculpou com o delegado:

– Dr. Paul, seja bem-vindo à aeronave da polícia. Os ventos estão muito fortes nesta madrugada e então, para que eu possa me concentrar, espero que o senhor não se incomode, mas vou colocar uma música.

Paul, um delegado de muito foco, sabia que sequer iria prestar atenção na canção e concordou com a cabeça.

E tão logo a aeronave pegou a altitude necessária para ir até o local do crime, começou a tocar Ana Carolina, e a canção tocou na hora errada.

Paul até achou graça em vista do horário, pois era madrugada, mas logo se concentrou no que deveria fazer, pois mataram seu amigo delegado. Um rapaz jovem, ingresso na polícia há um pouco mais de 10 anos.

Dedicado, Henrique era apaixonado pela profissão. Seu único problema é que se expunha demais pelas redes sociais, o que chamava atenção da bandidagem. Já estava sendo considerado influenciador digital.

Como Henrique era um delegado muito, mas muito bonito, já estava sendo estudado, pela área de comunicação da polícia, como o garoto-propaganda.

Sabia falar bem, corpo bem trabalhado pelos aparelhos de musculação, alimentação saudável, não bebia e sabia muito bem manejar uma arma.

Namorava uma modelo. Mulher linda, bem relacionada com a mídia.

Toda fitness, dava aulas de personal na academia de polícia, quando não tinha desfiles ou fotos nos estúdios.

A bela, como era chamada por todos, namorada de Henrique, também era digital influencer e ganhava muito bem vendendo produtos e vitaminas.

Naquele momento, Paul pensou em quem iria avisá-la da morte de seu amado.

Sobrevoando a ponte das águas espriadas, estavam lá várias viaturas novas da GCM preservando aquilo que poderíamos dizer ser um mar de sangue.

Foi uma equipe da GCM que avistou o corpo, quando fazia a patrulha de rotina.

Diogo era um cabo recém-ingresso na GCM e seu sonho de consumo era ser delegado. Fazia faculdade de direito, a muito custo, para tal fim. Foi ele quem viu o corpo e já providenciou o necessário para preservar o lugar do crime. Acionou seu chefe e o DHPP. Imediatamente reconheceu a figura do delegado morto. Era seu seguidor nas redes sociais e já tinha tido aula com ele em um curso de tiro.

O delegado morto foi simplesmente esvaziado.

O requinte de crueldade com ele foi tanto que sangrou até morrer.

Foi perfurado com várias facadas.

Quando seu corpo foi ali visto, não havia mais uma gota de sangue no seu cadáver. Estava tudo na pista, misturado com alguma substância que a perícia precisava identificar o mais rápido possível, antes que iniciasse a chuva.

E foi por causa desta ameaça que alertou o piloto ao delegado Paul.

– Dr. Delegado, preciso que o senhor tire todas as fotos que o senhor precisar logo, pois precisamos sair daqui o mais rápido possível. Está ameaçando uma tempestade. Conheço este tipo de vento.

Paul imediatamente pegou seu rádio e comunicou à equipe o alerta do piloto.

Ele sabia o quanto Friedrich era sensível e conhecedor do tempo.

E ordenou:

– Galera, agilize o trabalho. Teremos uma tempestade em breve.

Alice, sua fotógrafa preferida, imediatamente acelerou o necessário, encaminhando as recomendações para o perito Norberto e Antonio, este último sempre acompanhando agora seu amigo, pois seu olhar atento não só mais limpava os mortos, mas também seguia em cenas de crime, pois a soma de ambas as funções ajudava a desvendá-los.

Antonio agora fazia parte do DHPP como uma peça fundamental para o sucesso da equipe.

– Friedrich – pediu Paul, educadamente –, sobrevoe até onde você puder para nossa segurança, pois quero tirar também fotos daqui de cima. O

chefão Dr. Abraão autorizou que nós, delegados, tenhamos também uma câmera fotográfica pequena, para situações como estas.

Lá de cima, algo chamou a atenção do delegado. Alguma coisa que brilhava bem escondida no acostamento e que estava embrulhada.

Passou então a mão no rádio e chamou Ariel, o policial que o ajudou a solucionar o crime de Iakov.

Ariel tinha se tornado um excelente investigador.

Por ser acima do normal, Paul, delegado respeitado na polícia, pediu a sua transferência para fazer parte de sua equipe no DHPP. Precisava de homens bons.

– Investigador Ariel, delegado Paul falando, dê uma verificada no acostamento da pista lateral direita, sentido centro, algo brilhou daqui de cima. Verifica se é a arma do crime.

– Pode deixar, delegado.

A aeronave se afastou e, como os ventos estavam muito fortes, Friedrich decidiu voltar para a base.

– Dr. Delegado, temos que retornar. Os ventos estão fortes e pode ser que não consigamos nem mesmo retornar à base da polícia. Vou pedir autorização para descer em algum heliponto na Berrini. Não vamos arriscar.

Paul até achou ótimo, pois iria então até a cena do crime, nem que fosse a nado.

Mal a aeronave tocou o solo e quase tombou pela rajada de vento fora do normal, e, se não fosse a experiência de Friedrich, ambos poderiam se machucar, e muito, pois ele segurou o cíclico e o coletivo quase que simultaneamente, só com a força de seus fortes braços tatuados e evitou o tombamento do helicóptero.

Paul saiu do helicóptero como se tivesse ouvido o apito para o início do jogo e correu para buscar uma carona com alguém até levá-lo à cena do crime. Nem agradeceu Freidreich, e este, como já conhecia o delegado, não se desgastou. Apenas ficou um pouco magoado, pois queria ao menos tocar suas mãos na despedida.

Quando chegou à cena do crime já chovia, e muito, mas Ariel já tinha preservado não só a arma do crime, uma faca de cozinha, como também outras duas facas que haviam sido jogadas ao longo da ponte.

O corpo já tinha sido removido pelo rabeção na companhia de Antonio e Norberto.

Embora estivesse tecnicamente tudo sob o controle, Paul estava intrigado com a morte do amigo.

– Quem o matou tinha sua maior confiança, pois um delegado daquele porte não se deixaria matar a golpes de faca – disse Diogo.

– Tem algo que chamou sua atenção? – perguntou Paul a Diogo.

– Sim, delegado. Ele estava muito perfurado, os furos de tamanhos diferentes, pelo corpo todo. Bom, o senhor sabe melhor do que eu. Parecia muito ódio envolvido.

E foi assim que descreveu Norberto na sua ligação ao delegado Paul:

– Delegado, perito Norberto falando. Quem fez isto ao nosso amigo Henrique estava com muito ódio. Ele está todo perfurado e eu e Antonio concluimos que muitos furos haviam acontecido quando ele já estava morto. Ou seja, quem o fez, de novo, estava com muito ódio.

– Vou comunicar o Dr. Abraão.

– Não precisa, ele está aqui acompanhando a perícia e quer falar com o senhor. Vou passar o telefone para ele.

– Paul – disse o delegado-chefe, com uma voz triste, mas séria –, preciso que vá você, junto com o investigador Ariel, avisar a Bela, namorada do Henrique. Seja como for, nada de emoção e olhos atentos. Não faz sentido um delegado deste nível ter sido esfaqueado.

– Dr. Abraão, só lembrando que o Dr. Henrique estava investigando uma rede de tráfico de mulheres e estava ora se disfarçando de mendigo, ora de cliente. Quem vai cuidar desta linha de investigação?

– Estou falando com ele agora, Paul, ou seja, você. Monte sua equipe e quero este crime solucionado de forma urgente.

Paul, em meio à tempestade, saiu com Ariel na viatura para avisar Bela.

No meio do caminho, recebeu uma ligação da fotógrafa Alice.

– Dr. Paul, encontrei um anel no chão que parece de noivado. Tirei as fotos e, ao colocar no saquinho de evidências, percebi que continha o nome do Henrique e de outra moça, uma tal de Aliza.

– Eita porra! Que merda!

– E não é só. Achei uma foto desta tal Aliza com ele. Vou te mandar por WhatsApp. Esta moça pode até não ser fotogênica, parece ser uma mulher comum, sem a beleza da Bela. Roupa clássica, aparência elegante e nada estonteante como aquela que conhecemos como namorada de Henrique.

– Bem que o Dr. Abraão mandou ficar atento. Estou a caminho da casa de Bela. Vou pedir para alguém levantar mais sobre Aliza.

Desligou o telefone e já ligou para a investigadora Samantha.

– Samantha, delegado Paul falando. Vou te mandar uma foto. O nome dela é Aliza. Veja se descobre quem ela é.

– Pode deixar, doutor.

Toda vez que Samantha ouvia a voz de Paul, já lhe dava frio na barriga.

Ela era apaixonadíssima por Paul e, embora já tivesse passado no concurso de delegada e de promotora, preferiu ficar na equipe dele, só para vê-lo todos os dias.

Sem família, o salário era o suficiente para morar ao lado do DHPP e servir Paul em seu trabalho.

Quando não estava trabalhando, estudava e assistia a séries sobre crimes.

Era uma das melhores investigadoras da equipe. Já foi treinada inclusive pelo FBI. Mas nada e nenhuma proposta a afastava de Paul. Isto sim fazia sentido em sua vida.

Paul, ao chegar à casa de Bela, teve a sensação de que ela já estava a sua espera.

E, ao noticiar a morte de Henrique, arriscou e deu voz de prisão a Bela pelo assassinato de seu amado.

Ela o matou porque seria trocada por Aliza. Uma mulher comum, advogada de uma multinacional que o conheceu em um curso de autodefesa.

Henrique queria ter uma família e Aliza já estava esperando seu bebê.

Bela descobriu e não entendeu por que estava sendo trocada, o que arruinaria seu trabalho não só na escola de polícia, mas como influenciadora digital, pois ficaria conhecida como uma mulher trocada. Com golpes de várias facas, matou o amado, sem pensar que seria presa e perderia, de qualquer forma, toda a sua influência.

E, mais uma vez, a sensibilidade de Paul desvendou um crime.

Conto 03 - O MORIBUNDO

Poderia parecer uma morte natural, já que a pessoa não estava passando bem e a idade chega para todo o mundo. Por cautela, as filhas Rosa e Jasmim o levaram para o hospital e, enquanto esperava atendimento, o paciente morreu.

Porém, Seu Alcides estava em um bom hospital particular e nem era tão velho assim.

Não tinha histórico de doença e, por incrível que parecesse, seus exames estavam em dia.

Poderia até ser um ataque cardíaco. Aliás, até seria, se o médico de plantão que socorreu o morto não conhecesse seu histórico familiar.

Sr. Alcides tinha aproximadamente 79 anos e era um homem bem-sucedido, mas adorava uma cachaça.

Depois que se aposentou e deixou o comando de sua empresa para as filhas, ficando apenas com o usufruto das cotas sociais, vivia no bar, entre a pinga e a puta.

Voltava para casa carregado por esta última, por conta daquela primeira.

Isto era um dia após o outro.

Seu dinheiro estava indo para o ralo, ou melhor, para a pp, ou seja, pinga e puta.

Tudo parecia perfeito. Para ele, é claro!

Sua família não aguentava mais. Não por ele estar com a puta ou por causa da pinga. Mas porque não era qualquer puta e qualquer pinga que ele consumia e, sabe como é, o dinheiro estava indo embora com muita facilidade.

Mas o médico Eri ligou para seu amigo delegado Paul.

– Paul, tenho uma morte suspeita aqui no meu plantão. Paciente morre enquanto espera o atendimento e, na boa, você me conhece, quando falo em aguardando atendimento, era muito pouco tempo.

– Eri, conheço você e o hospital em que trabalha. Sei da seriedade que envolve tudo aí. Me dá um tempo que chego muito rápido. Não deixe ninguém mexer no corpo.

– Pode deixar, meu amigo, e agradeço seu interesse em resolver.

Não deu nem dez minutos e a sirene da viatura estava a todo vapor se posicionando na frente do pronto-socorro do hospital. O delegado Paul desceu com a arma em punho e, com sua voz imponente, cumprimentou o médico Eri, que estava a sua espera.

– Eri, com quem você deixou o corpo?

– Com minha equipe de confiança, fique tranquilo.

– Cadê a família do morto?

– Estão na minha sala. Na boa, não confie nas filhas deste morto.

– E o morto tem nome?

– Sim. Alcides Francisco, um homem muito rico e poderoso.

Mas, mal terminou Eri de descrever o morto, Paul, ao olhar o homem caído no chão, já sabia de quem se tratava.

– Caralho, Eri, este homem é muito conhecido. Que bosta!

– E eu não sei? Logo a imprensa vai estar aqui. Vai ser uma merda para o hospital. Sabe muito bem o que vão dizer... fulano morreu por falta de atendimento... e isto é mentira!

– Eu sei, cara, pode deixar, vamos reverter esta situação. Vou pedir para a melhor equipe de legistas verificar.

– Ah – completou Paul –, trouxe minhas investigadoras Bia e Samantha e a minha fotógrafa Alice, para tirar as fotos de tudo. Logo chega a minha parceira, a delegada Raquel.

Depois das fotos, o corpo foi levado para o IML, onde Antonio e Norberto já o esperavam.

Enquanto isso, o delegado Paul já direcionou sua equipe de investigadoras para colher nome, endereço e telefone de todos os presentes, para ouvi-los na manhã seguinte.

Tudo muito rápido, pois o chefe Abraão já o estava pressionando para respostas.

– E aí, doutor Paul, vai ouvir quem primeiro? – perguntou o chefe da polícia.

– Doutor Abraão, vou ouvir o motorista e o mordomo que levou o Sr. Alcides para o hospital. Enquanto isto, a doutora Raquel irá ouvir as filhas do morto.

– Ótimo – disse Abraão –, a doutora Raquel, com aqueles belos olhos castanhos escuros e intimidadores, certamente irá arrancar alguma coisa dessas moças.

E não precisou falar duas vezes, lá estava a delegada Raquel, com sua arma na cintura, seu distintivo pendurado no pescoço e com seu belo scarpin acentuando suas curvas de um metro e meio de perna, corpo magro e suas madeixas louras, fez com que se intimidassem as irmãs.

– E aí, meninas, boa noite. Vamos começar a falar o que aconteceu ou vão esperar o motorista confessar para o delegado Paul a tentativa disfarçada da morte de seu pai por envenenamento?

– Não sei o que a senhora está falando – disse Rosa, tremendo e segurando na mão da irmã Jasmim, já em prantos.

– Eu tenho cara de idiota? – perguntou a delegada Raquel, debruçando-se sobre ambas e repousando sua mão direita em cima da arma!

– Não, senhora! – choramingou Jasmim. – Estamos aguardando nosso advogado, aliás, o advogado da empresa.

– Advogado? Ora, ora! Quem é inocente não precisa de advogado! – disse a delegada.

– Desculpe, doutora, mas é um direito que nos assiste. Aliás, vocês estão supondo que matamos nosso pai só porque ele vivia na ferra! Não

precisamos da fortuna dele. Nós já temos a fortuna dele, se é que me entende! Não tínhamos interesse algum de matar nosso pai! – disse Jasmim.

– Então para quê o advogado?

– Bom. Nada é feito na empresa sem que a doutora Flávia participe. Isto sempre foi uma ordem do meu pai. Ele sempre gostou muito dela.

– Entendi – disse a delegada. – Então vamos aguardar a doutora Flávia.

Mas não bastaram nem três minutos e a advogada, com ar de quem sabe o que está fazendo e muita segurança, adentra o recinto.

– Dra. Flávia se apresentando – disse olhando no olho da delegada Raquel. – Aliás, meus clientes estão sendo ouvidos em salas separadas, sem a presença de advogados, não estou entendendo!

– Como assim seus clientes? – indagou a delegada.

– Pois bem, doutora delegada. Sou advogada da empresa e tudo que diz respeito a ela está sob meu patrocínio. Sendo assim, o motorista da empresa que prestava serviços para o Sr. Alcides e as suas filhas, todos são meus clientes por força da relação contratual que tenho com a empresa. Assim, o depoimento do motorista sem a minha presença é nulo, se é que a senhora entende realmente de direito constitucional.

– A senhora está me ofendendo! Lhe dou voz de prisão!

– Delegada, ninguém está lhe ofendendo! E não me ameace com voz de prisão, que faço o mesmo por abuso de autoridade. Aliás, quer saber? Se não liberarem todos, irei imediatamente para a corregedoria. Quer ouvir meus

clientes? Que intime para tal fim, simples assim. Ninguém foi preso em flagrante para ser ouvido!

O chefe da polícia, Dr. Abraão, que estava diligenciando em todas as delegacias da cidade, chegou justamente no meio desta confusão e, após se interar do assunto, mandou liberar o motorista e as filhas do Sr. Alcides.

– Mas, chefe – questionaram os delegados Paul e Raquel –, assim fica difícil averiguar!

– Que averiguar! Alguém já aguardou o laudo do IML para saber do que o Sr. Alcides morreu? E mais: se não tem ninguém em flagrante, como se vai ouvir o motorista sem a presença de um advogado?

– Assim fica difícil apurar crimes neste País, chefe!

– Regras são regras. Ou vocês a conhecem ou anulam uma investigação por extrapolar princípios constitucionais. Se não estão satisfeitos, que pressionem seus congressistas para mudança legislativa.

E, entre putas e cachaças, o fato é que o Sr. Alcides estava morto e se esperariam algumas longas semanas para se saber a causa, para então dar início às investigações.

Enquanto isto, o assassino fica solto, com oportunidade, inclusive, de fugir do País. Simples assim!